

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE

a-z

GUIA COMPLETO PARA EDUCADORES E PAIS

EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA



CORINNE SMITH
LISA STRICK



AUTORAS

Corinne Smith, Ph.D., Professora na Syracuse University. Especialista em dificuldades de aprendizagem.

Lisa Strick, Especialista em dificuldades de aprendizagem.



S644d Smith, Corinne.

Dificuldades de aprendizagem de a-z [recurso eletrônico] :
guia completo para pais e educadores / Corinne Smith, Lisa
Strick ; tradução: Magda França Lopes ; revisão técnica: Beatriz
Vargas Dorneles. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Penso,
2012.

Editado também como livro impresso em 2012.
ISBN 978-85-63899-41-5

1. Educação. 2. Pedagogia psicológica. 3. Aprendizado.
I. Strick, Lisa. II. Título.

CDU 37.013.77:159.953.5

Catálogo na publicação: Ana Paula M. Magnus – CRB 10/2052

O que são dificuldades de aprendizagem?

- A professora da 1ª série de Brian descreve-o como “um fliperama humano”. Ele jamais caminha; parte feito um raio. Ele sai de sua cadeira a cada instante para apontar o lápis, pegar mais papel, olhar os porquinhos-da-índia da classe. Tem-se a impressão de que ele não resiste à tentação de comentar sobre tudo o que vê. Seus colegas sentem-se perturbados por sua inquietação e interrupções, mas nem punições nem recompensas produziram qualquer mudança duradoura em seu comportamento. Em sua avaliação semestral, a professora de Brian escreve: “Brian é inteligente e entusiástico, mas precisa se acalmar. Suas notas estão caindo porque ele não presta atenção”.
- Aisha, de 11 anos, é quieta e tímida. Ela se esforça muito, mas seu progresso na escola sempre foi lento. Agora, na 6ª série, está mais de um ano atrás de seus colegas, tanto em matemática quanto em leitura. Os professores não acreditam que Aisha seja suficientemente inteligente para acompanhar a turma, e suas expectativas em relação à menina foram reduzidas. Os pais de Aisha dizem que em casa ela apreende as ideias rapidamente e estão intrigados com a lentidão do seu progresso na escola. Eles também se mostram preocupados com o fato de Aisha estar se tornando mais tímida a cada dia: ela não tem amigos e passa a maior parte de seu tempo livre sozinha, assistindo à televisão.
- Frank foi avisado de que repetirá o ano caso não comece a entregar suas tarefas e pare de faltar às aulas. Neste ano letivo, ele enfrentou também outros problemas, como brigas e vandalismo, além de ter comparecido ao baile da escola em estado de embriaguez. Frank diz que não se importa se for reprovado – ele planeja abandonar os estudos aos 16 anos, de modo que está apenas “matando o tempo” até lá. Todos, exceto um de seus professores, o consideram hostil e não cooperativo. O professor encarregado do laboratório de informática diz que Frank é atento e capaz; ele chega até mesmo a ajudar outros colegas que não sabem o que fazer.
- Joel é um aluno popular que gosta de esportes desde os primeiros anos de escola. Ele conquistou medalhas no ensino médio em luta livre, corridas de pista e beisebol. Também é ativo no diretório estudantil e vende anúncios para o livro anual da escola. Suas notas, contudo, são muito baixas. Os professores de Joel queixam-se de que suas lições de casa são descuidadas, incompletas e sujas; sua caligrafia é ilegível. “Se ele não estivesse tão envolvido nas atividades extracurriculares talvez conseguisse manter a atenção no trabalho”, comenta sua professora de história.

“Ele jamais chegará à universidade se não começar a se esforçar!”

Pode ser fácil fazer suposições sobre estudantes como esses. Brian é imaturo e não possui autocontrole. Aisha é uma criança intelectualmente lenta. Frank apresenta uma “má atitude” e problemas emocionais. Joel precisa superar sua falta de motivação acadêmica. Entretanto, se você observar mais de perto, poderá perceber um quadro bastante diferente:

- A mente dispersiva de Brian e seu impulso para permanecer em movimento frustram mais a ele e à sua família do que ao seu professor, mas tal comportamento está além do controle do menino. Ele não possui a capacidade de planejar suas atividades com antecedência e deixar de lado as distrações, de modo a conseguir se concentrar, não importando o quanto tente. Brian também não consegue regular seus impulsos para investigar e comentar sobre qualquer coisa nova que perceba. Ao final de cada dia, ele está exausto por responder a todos os sinais e sons que o cercam, mas ainda assim não consegue “desligar” até adormecer (o que para ele é muito difícil).
- Uma psicóloga descobriu que Aisha possui uma inteligência privilegiada. Ela precisa se esforçar para acompanhar o ritmo de seus colegas porque tem dificuldade para entender os símbolos escritos. Ela não consegue lembrar-se de como as palavras são e precisa penosamente “sondar” cada palavra que lê. (Aisha também não consegue lembrar-se de mapas, gráficos ou outros materiais visuais, e copiar do quadro é um pesadelo para ela.) A psicóloga disse aos pais de Aisha que a menina tornou-se deprimida por causa de seus problemas na escola. “Ela vê a si mesma como um fracasso total”, disse a psicóloga.
- Frank começou a evitar as aulas e as lições de casa para esconder o problema que tem para entender quaisquer instruções verbais ou grande parte do material

que lê. Com uma inteligência acima da média, ele tem sucesso em situações de aprendizagem que não exigem o amplo uso da linguagem. O ingresso no ensino médio, entretanto, não lhe dá muitas oportunidades desse tipo. Frank sente que “não se encaixa” e anseia por escapar do interminável fracasso e das críticas que enfrenta na escola.

- O sucesso de Joel no atletismo disfarça sua fraca coordenação motora fina. A dificuldade para controlar as mãos faz com que lhe seja extremamente difícil manipular uma caneta ou um lápis (ele também é “mão frouxa” em atividades como lavar pratos ou pôr a mesa). Joel é um estudante aplicado e compreende o conteúdo das aulas, mas considera praticamente impossível expressar o que sabe quando precisa fazer isso por escrito.

Todos esses alunos possuem *dificuldades de aprendizagem*, problemas neurológicos que afetam a capacidade do cérebro para entender, recordar ou comunicar informações. Consideradas raras no passado, as dificuldades de aprendizagem supostamente afetam, hoje, pelo menos 5% da população americana (ou mais de 15 milhões de pessoas). Muitas autoridades pensam que o número de indivíduos afetados é, na verdade, muito maior, e os especialistas concordam que muitas crianças não estão indo tão bem quanto poderiam na escola em virtude de dificuldades que não foram identificadas. Ano após ano, muitos desses jovens são erroneamente qualificados como pouco inteligentes, insolentes ou preguiçosos. Eles são constantemente instados, por adultos ansiosos e preocupados com seu desempenho acadêmico, a se corrigir ou a se esforçar.

Quando as táticas comuns de recompensa e punição fracassam, os pais e os professores ficam frustrados, mas ninguém sente maior frustração que os próprios estudantes. “As palavras mais deprimentes da língua são ‘Esforce-se mais’”, diz um aluno cujas dificuldades foram finalmente identi-

ficadas no ensino médio. “Eu *estava* me esforçando, mas ninguém acreditava em mim porque eu não estava obtendo *sucesso*.”

Embora as dificuldades de aprendizagem tenham se tornado o foco de pesquisas mais intensas nos últimos anos, elas ainda são pouco entendidas pelo público em geral. As informações sobre dificuldades de aprendizagem têm tido uma penetração tão lenta que os enganos são abundantes até mesmo entre professores e outros profissionais da educação. Não é difícil entender a confusão. Para começo de conversa, o termo *dificuldades de aprendizagem* refere-se não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico. Raramente elas podem ser atribuídas a uma única causa: muitos aspectos diferentes podem prejudicar o funcionamento cerebral, e os problemas psicológicos dessas crianças frequentemente são complicados, até certo ponto, por seus ambientes doméstico e escolar, além de por fatores como temperamento e estilo de

aprendizagem. As dificuldades de aprendizagem podem ser divididas em tipos gerais, mas uma vez que, com frequência, ocorrem em combinações – e também variam imensamente em gravidade –, pode ser muito difícil perceber o que os estudantes agrupados sob esse rótulo têm em comum.

Na realidade, as dificuldades de aprendizagem são normalmente tão sutis que essas crianças não parecem ter problema algum. Muitas crianças com dificuldades de aprendizagem têm inteligência entre média e superior, e o que em geral é mais óbvio nelas é que são capazes (embora excepcionalmente) em algumas áreas. Como uma criança pode saber tudo o que é possível sobre dinossauros aos 4 anos, mas ainda ser incapaz de aprender o alfabeto? Como um aluno que lê três anos à frente do nível de sua série entrega um trabalho escrito completamente incompreensível? Como uma criança pode ler um parágrafo em voz alta impecavelmente e não recordar seu conteúdo cinco minutos depois? Não nos admira

Leia em voz alta o que está escrito no triângulo abaixo



Assim como você pode não ter percebido um *na* a mais na sentença acima, as crianças com dificuldade de aprendizagem frequentemente não processam de maneira correta o que está diante de seus olhos ou a informação que ouvem.

que os estudantes sejam acusados com tanta frequência de serem desatentos, não cooperativos ou desmotivados!

Tal discrepância entre o que parece que a criança deveria ser capaz de fazer e o que ela realmente faz, contudo, é a marca desse tipo de déficit. O que as crianças com dificuldades de aprendizagem têm em comum é o *baixo desempenho inesperado*. Na maior parte do tempo, elas funcionam de um modo consistente com o que seria esperado de sua capacidade intelectual e de sua bagagem familiar e educacional, mas dê-lhes certos tipos de tarefas e seus cérebros parecem “congelar”. Como resultado, seu desempenho na escola é inconsistente: acompanham ou mesmo estão à frente de seus colegas de classes em algumas áreas, mas atrás em outras. Embora os prejuízos neurológicos possam afetar qualquer área do funcionamento cerebral, as dificuldades que mais tendem a causar problemas acadêmicos são aquelas que afetam a *percepção visual*, o *processamento da linguagem*, as *habilidades motoras finas* e a *capacidade para focalizar a atenção*. Até mesmo déficits menores nessas áreas (que podem passar completamente despercebidos em casa) podem ter um impacto devastador tão logo a criança entre na escola.

Muitas crianças com dificuldades de aprendizagem também lutam com comportamentos que complicam suas dificuldades na escola. O mais conhecido deles é a hiperatividade, uma inquietação extrema que afeta cerca de 25% das crianças com dificuldades de aprendizagem. Alguns outros comportamentos problemáticos em geral observados em pessoas jovens com dificuldades de aprendizagem são os seguintes:

Fraco alcance da atenção: A criança se distrai com facilidade, perde rapidamente o interesse por novas atividades, pode saltar de uma atividade para outra e, frequentemente, deixa projetos ou trabalhos inacabados.

Dificuldade para seguir instruções: A criança pode pedir ajuda repetidamente, mesmo durante tarefas simples (“Onde é mesmo que eu devia colocar isto?” “Como é mesmo

que se faz isto?”). Os enganos são cometidos porque as instruções não são completamente entendidas.

Imaturidade social: A criança age como se fosse mais jovem que sua idade cronológica e pode preferir brincar com crianças menores.

Dificuldade com a conversação: A criança tem dificuldade em encontrar as palavras certas ou fala sem parar.

Inflexibilidade: A criança teima em continuar fazendo as coisas à sua própria maneira, mesmo quando suas tentativas não funcionam; ela resiste a sugestões e a ofertas de ajuda.

Planejamento e habilidades organizacionais deficientes: A criança não parece ter qualquer noção de tempo e, com frequência, chega atrasada ou despreparada. Se várias tarefas são dadas (ou uma tarefa complexa com várias partes), ela não tem a mínima ideia de por onde começar ou como dividir o trabalho em segmentos manejáveis.

Distração: A criança frequentemente perde a lição, as roupas e outros objetos seus; esquece-se de fazer as tarefas e trabalhos e/ou tem dificuldade em lembrar de compromissos ou ocasiões sociais.

Falta de destreza: A criança parece desajeitada e sem coordenação; em geral, deixa cair as coisas, as derrama, ou pega os objetos e depois deixa cair; pode ter uma caligrafia péssima; é vista como completamente inapta para esportes e jogos.

Falta de controle dos impulsos: A criança toca tudo (ou todos) que chama seu interesse, verbaliza suas observações sem pensar, interrompe ou muda abruptamente de assunto em conversas e/ou tem dificuldade para esperar sua vez de falar.

Esses comportamentos surgem a partir das mesmas condições neurológicas que causam problemas de aprendizagem. Infelizmente, quando eles não são compreendidos como tais, só ajudam a convencer os pais e os professores de que a criança não

está fazendo um esforço para cooperar ou não está prestando a devida atenção. Até mesmo os estudantes veem comportamentos como esses como defeitos de personalidade. “Eu fiquei muito contente quando descobri que tinha uma dificuldade de aprendizagem”, lembra uma adolescente. “Até então eu achava que era apenas uma cabeça de vento imbecil”.

Embora muitas crianças com dificuldade de aprendizagem sintam-se felizes e bem-ajustadas, algumas (até metade delas, de acordo com estudos atuais) desenvolvem problemas emocionais relacionados. Esses estudantes ficam tão frustrados tentando fazer coisas que não conseguem que desistem de aprender e começam a desenvolver estratégias para evitar isso. Eles questionam sua própria inteligência e começam a achar que não podem ser ajudados. Muitos se sentem furiosos e põem para fora, fisicamente, tal sensação; outros se tornam ansiosos e deprimidos. De qualquer modo, essas crianças tendem a se isolar socialmente e, com frequência, sofrem de solidão, bem como de baixa autoestima. Por fim, os problemas secundários associados a uma dificuldade de aprendizagem podem tornar-se bem mais óbvios – e mais sérios – que a própria dificuldade. Estudos mostram que adolescentes com dificuldades de aprendizagem não apenas estão mais propensos a abandonar os estudos, mas também apresentam maior risco para abuso de substâncias, atividade criminosa e até mesmo suicídio. Embora a maior parte dos estudantes com dificuldade de aprendizagem não tenha um futuro tão trágico, a história de Cassandra descreve de um modo emocionante a frustração e a insegurança que podem acompanhar esses alunos até a idade adulta.

Os pais de alunos com dificuldades de aprendizagem, em geral, tentam lidar com uma gama imensa de problemas. Seus filhos parecem suficientemente inteligentes, mas enfrentam todo o tipo de obstáculos na escola. Eles podem ser curiosos e ansiar por aprender, mas sua inquietação e incapacidade de prestar atenção tornam difícil explicá-lhes qualquer coisa. Essas crianças têm boas

intenções, no que se refere às lições e tarefas de casa, mas no meio do trabalho esquecem as instruções – ou o objetivo. Muitas têm problemas para fazer amizades. Seus altos e baixos emocionais podem levar toda a família a um tumulto. Pior ainda, essas crianças geralmente se sentem infelizes por causa da sua incapacidade de corresponder às expectativas dos pais e conquistar seus próprios objetivos pessoais. Frequentemente, culpam a si mesmas por todas essas dificuldades: “Sou burro”, “Sou um caso sem cura” ou “As pessoas não gostam de mim”, e podem tornar-se reprimidas e autoderrotistas. Como disse uma mãe: “O que realmente arrasa a gente é a perda da autoconfiança. Pouca coisa pode ser pior do que observar seu filho desistir de si mesmo e de seus sonhos”.

Este livro é para ajudar os jovens com dificuldades de aprendizagem a se agarrarem aos seus sonhos. É também para ajudar as mães e os pais a enfrentarem o labirinto de desafios que tão frequentemente deixam os pais e os estudantes sentindo-se perplexos e impotentes. O primeiro ponto importante é que os pais não são impotentes – muito pelo contrário. Está comprovado que os estudantes mais propensos a ter sucesso são aqueles que têm pais informados e incentivadores ao seu lado. Esse fator supera a qualidade do programa escolar ou a gravidade do próprio déficit em importância. Muitos estudos têm demonstrado que “cuidados parentais de qualidade” permitem às crianças crescerem e se tornarem cidadãos felizes e independentes, mesmo quando a saúde ao nascer e as oportunidades educacionais são notavelmente fracas.

Os pais não precisam de um título de Ph.D. em psicologia ou em educação para orientar corretamente seus filhos. Entre os aspectos dos cuidados parentais citados pelos psicólogos como mais preciosos estão os de ensinar as crianças a fazer o máximo com as capacidades que têm, encorajando-as a acreditar que podem superar os obstáculos e ajudando-as a estabelecer objetivos realistas, além de estimular nelas o amor-próprio envolvendo-as em responsabilidades em casa e na comunidade.

Os pais de crianças com dificuldades de aprendizagem realmente precisam aprender como trabalhar de modo efetivo com os professores e os administradores escolares para o desenvolvimento de um programa educacional apropriado – uma perspectiva que muitos consideram assustadora. Contudo, tornar-se um ativista na escola é o me-

lhor modo de garantir que as necessidades educacionais de seu filho sejam plenamente satisfeitas. Uma vez que os programas de licenciatura nos Estados Unidos até recentemente não incluíam quase nada sobre dificuldades de aprendizagem, você não pode presumir que os professores de seu filho estarão bem-informados sobre elas ou serão

Cassandra

Lembro que minha mãe me fazia usar uma letra do alfabeto em volta do pescoço quando eu ia à escola. Acho que era a letra J. Eu sabia que letra era ao sair de casa e tentava com todas as forças não esquecê-la durante o dia inteiro. Imagine uma criança, com 5 anos, saindo de casa e sabendo que é melhor lembrar a letra quando cruzar aquela mesma porta ao voltar.

Eu caminhava para a escola repetindo o tempo todo o nome da letra. Mas sabe de uma coisa? Ao longo do dia eu esquecia que letra era aquela. Depois da escola, eu tentava desesperadamente – quer dizer, eu olhava para a letra, rezando para que uma voz ou algo assim me desse a resposta antes de eu chegar em casa. Eu amo minha mãe e sei que ela me ama, e tudo que ela queria era que eu conhecesse o alfabeto. Ainda assim, eu tinha medo e odiava o fato de não poder lembrar o que ela se esforçava tanto para me ensinar. Lembro que eu chorava e ficava furiosa comigo mesma, porque simplesmente não conseguia aprender. Minha vontade era gritar para ela: “Estou tentando, droga, estou tentando! Será que você não vê que estou tentando? Me ajude, por favor!”.

Enquanto eu crescia, ler e soletrar tornaram-se ainda mais difíceis para mim. Os professores, minha família e meus amigos me provocavam o tempo todo. Os professores me culpavam por atrapalhar a turma. Assim, já que todos queriam rir de mim ou me culpar pelas coisas, parei de tentar ler até mesmo sozinha ou em voz alta, e me tornei a palhaça da escola; em casa, ficava isolada.

Quando cheguei ao final do ensino médio, percebi o dano que havia ocorrido. Ir para a faculdade jamais me passara pela cabeça, ou o que eu queria da vida, ou que tipo de emprego poderia obter... Então me senti desapontada, não porque as pessoas das quais eu gostava ou os professores que supostamente deveriam me ensinar haviam me abandonado, mas porque eu própria desistira de lutar. Finalmente, percebi que sempre encontraria pessoas que me considerariam burra, mas eu sabia, e realmente acreditava, que não era burra. Iria concluir o ensino médio sem a ajuda de ninguém, porque eu sabia que não era burra.

Assim, por que é que hoje, com 28 anos, ainda tenho medo de ler e falar com as pessoas que conheço? Acabo conversando apenas com as pessoas que não vão me provocar. Vou lhe dizer por que – é porque minha família e meus professores me fizeram pensar que todos com quem eu falasse iriam sempre implicar comigo. Em outras palavras, cada ser humano na face da Terra era mais esperto que eu. E isso está errado.

Nenhuma criança deveria jamais se sentir assim. Como é que alguém faz isso com uma criança que está dando tudo de si? Cada criança merece o direito de aprender e de falar com sinceridade sem que alguém a interrompa, fazendo-a se sentir incapaz.

Adaptado de Smith, C. R. (1994). *Learning disabilities: The interaction of learner, task and setting* (3. ed.). Boston: Allyn & Bacon.

solidários quanto às necessidades especiais de crianças com problemas neurológicos. Além disso, muitos dos métodos didáticos de sucesso comprovado e dos materiais que funcionam para estudantes típicos são inúteis para crianças com dificuldades de aprendizagem. Os pais de estudantes bem-sucedidos com dificuldades de aprendizagem afirmam que o atento monitoramento e a defesa de direitos é o único modo de garantir que essas crianças sejam consistentemente ensinadas de um modo que torne a aprendizagem possível para elas. Os pais acrescentam que comumente se descobrem na posição de “educar os educadores” sobre dificuldades de aprendizagem e sobre os muitos modos como as crianças podem ser afetadas por elas.

Nosso objetivo é oferecer-lhe tanto as informações quanto o encorajamento necessários para que você se torne um defensor efetivo para seu próprio filho. Examinaremos as causas e os tipos de dificuldades de aprendizagem e discutiremos os modos como elas afetam tanto a educação quanto o crescimento social e educacional. Nós

o levaremos, passo a passo, pelo processo de identificação de dificuldades de aprendizagem e mostraremos como trabalhar com os profissionais no desenvolvimento de um programa educacional individualizado. Falaremos também sobre os modos de abordar alguns dos problemas persistentes que podem tornar problemática a vida em casa. Começaremos, entretanto, com o lembrete de que nenhum “especialista” que você encontre jamais saberá tanto quanto você sobre seu próprio filho. E, mais importante, você é a única autoridade da qual o profissional pode depender para observar a criança como um todo. Os profissionais são pagos para se envolver primeiramente com os problemas e as fraquezas de um aluno; os pais é que estão mais conscientes de todos os modos como uma pessoa jovem é forte e maravilhosa. Sua tarefa mais vital é lembrar a seu filho que ele é esplêndido e capaz na maior parte do tempo. As crianças que sabem da sua capacidade na maior parte das coisas – e que são completamente amadas – não deixam que esses déficits as perturbem por muito tempo.

2

O que causa as dificuldades de aprendizagem?

Embora os estudantes com dificuldades de aprendizagem sejam, de longe, o grupo com necessidades especiais mais amplo e de mais rápido crescimento na população escolar norte-americana, os pais nem sempre conseguem obter respostas claras para suas questões mais urgentes quando um problema de aprendizagem é identificado: “Como isso aconteceu?”, “O que deu errado?”, “Será que as crianças podem superar as dificuldades de aprendizagem?”, “Existe uma cura para isso?”.

Essas questões podem ter uma resposta difícil, porque múltiplos fatores contribuem para as dificuldades de aprendizagem. Nos últimos anos, a importância relativa de tais causas tornou-se uma questão de crescentes pesquisas e debates. Em alguns dos estudos mais recentes, os investigadores têm usado técnicas sofisticadas de imagens para observar cérebros vivos em funcionamento. Esses estudos têm comparado estruturas e níveis de atividade nos cérebros de indivíduos normais e de indivíduos com problemas de aprendizagem durante os processos de leitura, audição e fala. Os cientistas também têm realizado autópsias de cérebros de pacientes falecidos com dificuldades de aprendizagem, buscando diferenças anatômicas, bem como os geneticistas têm buscado (e encontrado) evidências de que algumas espécies de dificuldade de aprendizagem são herdadas.

Contudo, embora essas pesquisas estejam produzindo informações cada vez mais úteis sobre as intrincadas estruturas e sobre o funcionamento complexo do cérebro humano, nem sempre é simples aplicar tais informações a um indivíduo. Além disso, irregularidades no funcionamento cerebral contam apenas parte da história. O desenvolvimento individual das crianças também é maciçamente influenciado por sua família, pela escola e pelo ambiente da comunidade. Embora supostamente as dificuldades de aprendizagem tenham uma base biológica, com frequência é o ambiente da criança que determina a gravidade do impacto da dificuldade. A ciência ainda não oferece muito em termos de tratamento médico, mas a longa experiência tem mostrado que a modificação no ambiente pode fazer uma diferença impressionante no progresso educacional de uma criança.

Os fatores biológicos que contribuem para as dificuldades de aprendizagem podem ser divididos em quatro categorias gerais: *lesão cerebral*, *erros no desenvolvimento cerebral*, *desequilíbrios neuroquímicos* e *hereditariedade*. Neste capítulo, revisaremos cada um deles separadamente e discutiremos como uma variedade de fatores ambientais também influencia a aprendizagem e o desenvolvimento. Uma vez que não existem testes neurológicos definitivos para as dificuldades de aprendizagem, a

10 MITOS SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Embora nos últimos anos a pesquisa tenha lançado muita luz sobre as dificuldades de aprendizagem, elas ainda são amplamente mal-entendidas. Muitos dos mitos a seguir têm defensores até mesmo na comunidade profissional.

1. Mito: A maioria dos meninos tem dificuldades de aprendizagem.

Fato: O risco é o mesmo para meninos e meninas. Os meninos, no entanto, têm uma maior probabilidade de demonstrar quando estão entediados ou frustrados, e por isso são encaminhados para avaliação e serviços mais frequentemente do que as meninas. Os pais de meninas (e de meninos quietos) com problemas de aprendizagem podem precisar ser assertivos para conseguir a ajuda apropriada para seus filhos na escola.

2. Mito: As crianças podem superar as dificuldades de aprendizagem. Se uma criança estiver tendo problemas na escola, é melhor observar e esperar.

Fato: As dificuldades de aprendizagem são condições permanentes, de origem biológica. Embora as habilidades dos alunos com dificuldade de aprendizagem melhorem no decorrer do tempo com a instrução apropriada, alguns déficits persistem até a idade adulta. Essas crianças se beneficiam muito da intervenção precoce.

3. Mito: Crianças com dislexia (o termo médico para “dificuldades de leitura”) literalmente veem de trás para frente.

Fato: A visão desses estudantes não causa seus atrasos de leitura. Problemas como inversão de letras (dizer ou escrever **p** em vez de **b**) ou ler **pro** em vez de **por** surgem do processamento de informações ineficientes em diferentes partes do cérebro. Como não são problemas de visão, as dificuldades de aprendizagem não podem ser curadas por exercícios dos olhos ou por óculos.

4. Mito: As alergias podem causar dificuldades de aprendizagem.

Fato: A crianças com DA não têm mais alergias do que as crianças que não têm DA, e as dificuldades não vão embora quando as alergias são tratadas. Embora tossir, coçar e espirrar possam impedir que qualquer criança dê o máximo de si, não há evidências de que as alergias interferem na capacidade de aprender as habilidades básicas.

5. Mito: O açúcar torna as crianças hiperativas.

Fato: A pesquisa não corrobora essa ideia. Experiências bem controladas descobriram que as crianças cujos pais declaram que elas se tornam “hiper” depois de comer açúcar não mostram diferenças na aprendizagem ou no comportamento quando elas não consomem açúcar. Os ambientes estimulantes em que são oferecidas guloseimas açucaradas – festas de aniversário, por exemplo – provavelmente contribuem mais para o comportamento superexuberante.

6. Mito: Usar lentes coloridas ou colocar uma cobertura de plástico especial sobre a página pode melhorar a capacidade e a compreensão da leitura.

Fato: Não há evidências científicas que corroborem a afirmação de que tais dispositivos produzam melhora substancial ou instantânea nos resultados de leitura. Antes de pagar por qualquer tipo de tratamento de DA, os pais devem perguntar que pesquisa confiável o recomenda. Evidências anedóticas (tais como histórias e comentários de pessoas que juram ter sido ajudadas por um produto ou processo) não correspondem a uma prova científica.

7. Mito: Corantes, sabores artificiais e conservantes nos alimentos, como também aspirina e os salicilatos (compostos naturais presentes em frutas e

(continua)

10 MITOS SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

vegetais), podem causar hiperatividade.

Fato: Embora qualquer pessoa possa beneficiar-se da melhora da nutrição, apenas um grupo muito pequeno de pré-escolares hiperativos (cerca de 3%) é ajudado pela eliminação dessas substâncias de suas dietas. Para a grande maioria, mudanças na dieta não têm impacto. As vitaminas também não têm efeito sobre as dificuldades de aprendizagem.

8. Mito: O canhotismo causa problemas de aprendizagem.

Fato: O canhotismo em si não tem nenhuma relação com a aprendizagem. No entanto, se uma criança torna-se canhoto devido a uma lesão cerebral que lhe dificulta *usar* sua mão direita, as áreas cerebrais próximas que interferem nos níveis de aprendizagem mais elevados também podem ser afetadas. Quando

não há lesão desse tipo, os canhotos aprendem tão bem quanto os destros.

9. Mito: As crianças que pulam o estágio do engatinhar terão atrasos de leitura.

Fato: O engatinhar não tem relação alguma com a leitura. Ensinar uma criança a engatinhar (ou a realizar qualquer outra atividade motora) não melhorará a resposta futura à instrução de leitura.

10. Mito: Os transtornos de aprendizagem surgem de problemas com a linguagem.

Fato: Cerca de 60% das crianças que experienciam atrasos de leitura possuem consciência fonológica normal (processamento sonoro) ou algum déficit de linguagem. Os 40% restantes são lentos para ler devido à dificuldade em manter a atenção, a déficits de percepção visual e/ou a problemas com o domínio das estratégias de aprendizagem básicas.

determinação da causa de problemas desse tipo ainda é uma questão de julgamento clínico informado. Quando se examina o lar de uma criança e as situações na escola e uma história detalhada é levantada, um ou mais fatores discutidos neste capítulo normalmente se destacam. Devemos admitir, contudo, que às vezes a única resposta honesta à questão “Por que meu filho tem uma dificuldade de aprendizagem?” é “Nós não sabemos ao certo”. Acreditamos que as pesquisas em andamento nesta área de rápido desenvolvimento finalmente nos oferecerão novas maneiras de avaliar essas dificuldades e de localizar a fonte de problemas individuais de aprendizagem.

LESÃO CEREBRAL

Por muitos anos, supôs-se que todos os estudantes com dificuldades de aprendizagem

havam experienciado alguma espécie de dano cerebral. Hoje sabemos que a maioria das crianças com dificuldades de aprendizagem *não* tem uma história de lesão cerebral. Mesmo quando tem, nem sempre é garantido que esta seja a fonte de suas dificuldades escolares. As pesquisas têm mostrado, por exemplo, que lesões cranianas são quase tão comuns entre alunos típicos quanto entre crianças que têm problemas na escola. Um investigador estima que até 20% de todas as crianças sofrem um sério dano cerebral até os 6 anos, mas, ainda assim, a maioria delas não desenvolve problemas de aprendizagem.

Os esforços para relacionar as dificuldades de aprendizagem de uma criança a um dano cerebral causado por complicações no parto também não encontraram uma conexão conclusiva. Esses fatores estão associados a alguns casos de dificuldades de aprendizagem, mas também podem ser en-

contrados na história de alunos típicos e naqueles com notas mais altas. Um estudo com jovens de 7 a 15 anos, por exemplo, descobriu que 23% dos estudantes que apresentavam um nível de leitura um ou dois anos inferior ao de sua série tinham uma história de dificuldades no parto. Uma história similar, contudo, foi descoberta para 19% dos alunos que apresentavam um nível de leitura um ou mais anos *superior* à sua série – uma correlação dificilmente convincente!

Não existem dúvidas, entretanto, de que as dificuldades de aprendizagem de algumas crianças realmente surgem a partir de lesões ao cérebro. Entre os tipos de lesões associados a dificuldades de aprendizagem estão traumas cranianos, hemorragias cerebrais e tumores, febres altas e doenças como encefalite e meningite. A desnutrição e a exposição a substâncias químicas tóxicas (como chumbo e pesticidas) também causam danos cerebrais, levando a problemas de aprendizagem. As crianças que recebem tratamentos com radiação e quimioterapia para o câncer ocasionalmente desenvolvem dificuldades de aprendizagem, em especial se a radiação foi aplicada ao crânio. Eventos que causam privação de oxigênio no cérebro

podem resultar em dano cerebral irreversível em um período de tempo relativamente curto; incidentes envolvendo sufocação, afogamento, inalação de fumaça, envenenamento por monóxido de carbono e algumas complicações do parto também se enquadram nessa categoria.

Também podem ocorrer lesões cerebrais antes do parto. Sabemos que quando certas doenças ocorrem durante a gravidez – diabete, doença renal, sarampo, entre outras –, o dano cerebral ao feto é, às vezes, o infeliz resultado. A exposição pré-natal a drogas (álcool, nicotina e alguns medicamentos prescritos, bem como drogas de “rua”) está claramente associada a uma variedade de dificuldades de aprendizagem, incluindo atrasos cognitivos, déficits da atenção, hiperatividade e problemas de memória. O sistema nervoso de um feto em desenvolvimento é tão frágil que até mesmo danos relativamente menores podem ter efeitos duradouros significativos. O sistema nervoso de bebês prematuros também é vulnerável a lesões, e uma incidência significativamente maior de prematuridade é encontrada entre crianças que têm problemas escolares e comportamentais.

Teddy

Teddy era adorado por seus pais e suas quatro irmãs mais velhas, e não era difícil perceber por quê. Aos 2 anos, ele era uma criança bonita e afetiva que respondia a toda a atenção que lhe davam com abraços e sorrisos. Ele era alto para a sua idade e obviamente brilhante: aprendeu a falar cedo, falava sentenças claras de três e quatro palavras, e já reconhecia algumas letras do alfabeto. Teddy adorava assistir *Vila Sésamo* e olhar livros de gravuras, e também adorava o *playground*. Era tão desenvolto no es-

corregador e no trepa-trepa que seu pai se vangloriava de que Teddy estava destinado a ser um astro do esporte.

Entretanto, a vida de Teddy mudou como resultado de uma grave doença viral. Ele teve febres muito altas, convulsões e foi levado às pressas ao pronto-socorro local. Foi hospitalizado, mas só depois de vários dias a febre e as convulsões cederam. No fim da semana estava claro que a doença de Teddy havia lhe causado danos cerebrais: o menininho só conseguia

(continua)

andar com ajuda e não conseguia de modo algum falar.

Nos seis meses seguintes, a sua capacidade para caminhar e falar retornou, mas ele não era mais a mesma criança. Em vez de se sentar tranquilamente, absorto com *crayons* ou com um livro de figuras, ele se tornou um furacão humano. Sua coordenação era fraca e ele pisava sobre as coisas, em vez de contorná-las ao andar. Era impulsivo e se frustrava facilmente. Não podia ser levado ao supermercado porque escalava as prateleiras e tirava os produtos do lugar. Quando seus pais tentavam contê-lo, ele reagia com chutes, mordidas e se atirava ao chão, esperneando. Para agravar as coisas, Teddy continuava tendo convulsões, que exigiam frequentes tentativas com diferentes doses de medicamentos.

O comportamento “descontrolado” de Teddy fez com que ele fosse expulso de várias escolas maternas. As professoras queixavam-se de que ele derrubava as torres de blocos de outras crianças, falava durante a hora de ouvir histórias e jogava tinta pela sala toda. Agarrava os brinquedos de outras crianças e se servia à vontade do lanche dos colegas, sem permissão. As professoras concordavam que Teddy era suficientemente inteligente, mas alertavam de que ele teria problemas na educação infantil se não pudesse se controlar e não aprendesse a terminar suas tarefas. Infelizmente, as previsões estavam certas. Os primeiros anos de Teddy na escola foram um desastre; ele não conseguia prestar atenção às lições por muito tempo e era o último da classe a dominar as habilidades básicas. Ao final da 2ª série, era óbvio que a leitura e a escrita seriam muito difíceis para ele. As habilidades de Teddy continuavam se desenvolvendo, mas o seu progresso era tão lento que a diferença entre ele e os estudantes típicos em sua classe tornava-se maior a cada ano. Ao terminar a 6ª série, Teddy lia e escrevia como um aluno da 4ª. Suas convulsões estavam amplamente sob controle e ele deixara de ter ataques de raiva, mas continuava sendo um menino excessivamente ativo e irritado, impopular tanto com os colegas quanto com os professores. No

final do ensino fundamental, a contínua dificuldade para aprender e o isolamento social corroeram o senso de autovalor de Teddy. Ele se tornou tão zangado e deprimido que seus pais ficaram realmente alarmados. Após extensas discussões, eles decidiram tentar colocar o garoto em um internato particular para alunos com dificuldades de aprendizagem. Teddy saiu de casa no início do ensino médio.

Os pais de Teddy dizem que em sua primeira visita ao filho no dia dos pais já puderam perceber uma mudança. Ele parecia aliviado pela descoberta de que não era o único estudante com o seu tipo de problema. Fizera alguns amigos e entrara no time de futebol americano da escola. Os professores o ajudavam com suas lições, permitindo-lhe trabalhar em curtas sessões espalhadas ao longo do dia. A escola salientava a importância de, sempre que possível, aprender fazendo, e Teddy achou interessantes e divertidos muitos dos projetos sob sua responsabilidade. Ele descobriu que poderia ser um bom aluno se pudesse fazer as coisas à sua própria maneira. Pela primeira vez, desde os 2 anos, Teddy pensava em si mesmo como alguém bem-sucedido.

Ao final do ensino médio, Teddy foi aprovado em todos os testes e declarou que desejava cursar uma universidade. Inicialmente, seus pais entraram em pânico, temendo que as demandas do nível universitário ressuscitassem antigos padrões de frustração e fracasso. Entretanto, diversas sessões com o orientador pedagógico da escola produziram uma solução ideal: após terminar seus estudos, Teddy matriculou-se em um curso de dois anos em um instituto de arte culinária. Demonstrou excelência em seu treinamento, conquistou um grau de assistente e rapidamente encontrou um emprego como *chef* de massas em um *resort*. Recentemente, ficou noivo de uma jovem muito vivaz que trabalha na administração do *resort*. Sua noiva é quem sempre dirige, em razão do transtorno convulsivo de Teddy; ele é quem cozinha, e a noiva diz que este é um arranjo mais que aceitável. Teddy também está criando o bolo para seu casamento, planejado para junho.

Encerra aqui o trecho do livro disponibilizado para esta Unidade de Aprendizagem. Na Biblioteca Virtual da Instituição, você encontra a obra na íntegra.